

CORUMBÁ

# Ruelas viram alamedas e sonhos se tornam realidade

Programa levado a comunidades vulneráveis modifica vida de mulheres e tem como estratégia trabalhar questões sociais, econômicas e ambientais para desenvolvimento sustentável **Lúcia Silva**

Fotos arquivo PMC



Mulheres são profissionalizadas como calceteiras e algumas estão ingressando na universidade

## O Se Essa Rua Fosse Minha capacitou como calceteiras mulheres, responsáveis por 60% das vagas preenchidas. Elas aprenderam a assentar, medir e fabricar a lajota

**A**li, num cantinho do Centro-Oeste, no meio do Pantanal e numa região que parece que as águas do mundo inteiro resolveram escolher para fazer seus leitos, está Corumbá, à margem esquerda do Rio Paraguai. Lá mora uma mulher que mais parece um corisco quando enxerga oportunidades: Silvia Maria Sorrilha.

Por meio de um programa municipal, em menos de seis anos, Silvia passou da condição de desempregada para calceteira (que faz calçamentos de ruas), instrutora de um programa municipal, estagiária e atualmente trabalha na empresa mineradora Vale, como técnica em química (com carteira assinada), além de cursar o segundo ano do curso de Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Começou fazendo o Educação de Jovens e Adultos (EJA), porque faltava um restinho para concluir o ensino fundamental. Em seguida, o ensino médio, entre 2009 e 2010. Ficou entre os três primeiros colocados na seleção do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e ganhou uma bolsa para o curso técnico em Química. Estudou muito para obter o certificado de conclusão do ensino médio e uma boa classificação no Enem, que lhe garantiu uma vaga na UFMS, no Campus de Corumbá.

Para entender melhor a mudança meteórica de vida dessa mulher, é preciso saber um pouco dessa história que parece irreal. Em Corumbá, interior de Mato Grosso do Sul, a dona de casa Silvia, de 39 anos, com cinco filhos (hoje o mais velho está com 17 e o mais novo com 6), viu em 2006 seu casamento desmanchar, ficando com a missão de sustentar sozinha a prole. Decidida, virou empregada doméstica e tocou a vida como pode, com uma pequena ajuda recebida dos pais.



No início, descarregavam para os homens fazerem o lajotamento



Hoje elas também fabricam o piso no galpão da Prefeitura

Tudo era muito difícil, e seus sorrisos ficavam cada vez mais raros. Um dia, uma das filhas, que frequentava o curso de balé no Centro de Referência de Assistência Social (Cras), insistiu para que ela a acompanhasse até lá para assistir a uma apresentação sua e participar de uma palestra em comemoração ao Dia da Mulher. Depois de muita resistência, Silvia resolveu ir. E afirma que a partir daí começou a viver de verdade.

### O despertar

A palestra abordou vários assuntos, como o papel da mulher na família, a necessidade de mudar para reverter, assim como o programa municipal “Se Essa Rua Fosse Minha”, desenvolvido com a participação direta dos moradores.

Silvia decidiu ir até a prefeitura se inscrever. Aprovada nos exames médicos obrigatórios, foi selecionada para

fazer o curso de calcetaria, oferecido pelo Senai, parceiro do programa desenvolvido pela Prefeitura de Corumbá. Com a qualificação, passou a integrar o grupo responsável pelo calçamento das alamedas do bairro onde morava. Assim como os demais, recebeu uma bolsa, oferecida pelo programa, enquanto durou aquela etapa (que varia entre três e quatro meses).

### Autonomia

O trabalho dela e de outras mulheres baseava-se em carregar as lajotas do local onde o caminhão da prefeitura descarregava até onde estavam os homens (todos do bairro e qualificados como calceteiros). A eles cabia o trabalho de sarrafejar, fazer a medição do meio-fio e o assentamento das lajotas. Em desacordo com a divisão social daquele trabalho, Silvia foi pra briga defender tudo o que o curso havia ensinado. Vencedora no embate, dali pra frente passou a atuar como calceteira de fato e pouco tempo depois tornou-se instrutora do programa nos anos de 2008 e 2009.

Sua atitude contagiou outras mulheres do grupo. Atualmente, elas participam de todas as etapas, incluindo a fabricação das lajotas no galpão da pre-



Alameda Simão Bolívar, uma das contempladas pelo programa

feitura, e respondem por mais de 60% das vagas oferecidas pelo programa.

No Senai, Silvia descobriu outras possibilidades para mudar o rumo de sua vida. Fez um curso de reaproveitamento de alimentos e sonhou ainda com o de técnico em Química. Sondou o que era preciso para conseguir aquela qualificação. Ante à exigência de conclusão ou estar cursando o 2º ano do ensino médio, decidiu retomar os estudos na escola regular.

### Mudança de 360° na vida

Para quem até ali sequer havia terminado o ensino fundamental foi iniciado um giro de 360 graus na vida.–

A história de Silvia Maria Sorrilha



Maria Aparecida cedia sua casa para oficinas e rodas de conversa

viou um exemplo de sucesso do “Se Essa Rua Fosse minha”. Nas oito etapas concluídas do programa (iniciado em 2006), será que Silvia foi a única a ter deixado a situação de vulnerabilidade para conquistar projeções nas áreas profissional e acadêmica?

Eulina Marques Vieira, responsável pelo programa, é a pessoa mais indicada para responder, já que o trata como se fosse a ação mais importante da prefeitura.

Ela sabe o nome de praticamente todos os participantes – cerca de 354 – e acompanha a vida de todos com a ajuda do assistente, Nilson Xavier. Frequentemente ele entra em contato com os ex-participantes para saber o que andam fazendo. Lembra, todo orgulhoso, que a calceteira Célia Maria Ferreira Martins, de 22 anos, está em Campo Grande, trabalhando como servente de pedreiro em uma grande construtora e com um bom salário.

### Geração de empregos

Para Eulina, o programa superou as expectativas quanto à inserção socioeconômica dos participantes e deve concluir mais duas etapas ainda em 2012. A qualificação assegurada pelo programa chamou a atenção inclusive da mineradora Vale, que solicitou à administração uma relação de nomes de calceteiros (as) para futuras vagas na empresa.

Mariane Souza de Oliveira, de 27 anos, é outro exemplo de êxito. Além do curso de calcetaria, fez o de almoxarifado, também no Senai. Antes morava com os pais e nem buscava se qualificar profissionalmente.

A equipe da *Teoria e Debate* esteve com Mariane. Ela conta que foi aprovada na seleção da Secretaria Municipal de Saúde e já faz parte da equipe de Combate à Dengue. Elogia muito o programa e afirma que foi o responsável por abrir as portas a novas experiências, inclusive o de um diploma de ensino superior.

Vizinha do bairro Guató, a dona de casa Mariluce Pereira Mendes, de 38 anos, que tem quatro filhos, é outro exemplo de êxito. Trabalhou como calceteira e, logo depois do encerramento da etapa, se qualificou em Cozinha

Industrial pelo Senai. Anda testando sua habilidade gastronômica em casa e planejando atuar no comércio quando ganhar mais segurança. Para além da qualificação profissional, as palestras trouxeram novos horizontes para sua vida. Numa das rodas de conversa, que abordam temas propostos pela comunidade, Eulina decidiu que oficializaria sua relação com o marido. O casamento civil será marcado e todos os calceteiros da oitava etapa aguardam um churrasco com um dos bois de Mariluce. Embora criasse inadequadamente algumas cabeças de boi no bairro, Eulina a orientou, Mariluce pagou a multa e levou os bovinos para a área rural. E os amigos apostam que um voltará para o churrasco do casamento da amiga de turma.

Enquanto a equipe entrevistava Mariluce, outro protagonista de sucesso da iniciativa municipal passava com um carrinho de mão pela rua vendendo tangerina. Paulo Silva Munhões, de 43 anos, um talentoso tecelão de redes estava cumprindo pena em regime semiaberto, quando Eulina e Nilson Xavier o descobriram e obtiveram autorização da direção do Albergue para inseri-lo no programa. Durante a semana, Paulo passeia sorridente pelas ruas comercializando frutas e mandioca, e nos finais de semana as redes que confecciona. Na opinião do tecelão, o programa o despertou para formas de gerar honestamente sua própria renda.

Já Maria Aparecida de Souza, de 41 anos, do bairro Cristo Redentor, onde nasceu e mora até hoje, apesar de não ter se interessado em tornar-se calceteira, vem investindo no projeto. Oferece sua casa para a realização das rodas de conversa e ajuda a mobilizar a comunidade. Nesse processo, Maria afirma que vem aprendendo bastante com as palestras sobre saúde, meio ambiente, direitos humanos e outros temas.

### Desenvolvimento sustentável

Implantado no final de 2006, o programa atende comunidades em situação de vulnerabilidade. Atua em parceria com secretarias municipais, Senai, UFMS, Procon, Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), Defensoria



**Prefeito Rüter Cunha de Oliveira colocou no mesmo nível de estratégia de governo as questões sociais, econômicas e ambientais**

Pública, Escola de Governo, artesãos locais, entre outros segmentos. Facilitar o acesso das pessoas que tiveram seus direitos violados aos serviços socioassistenciais e às políticas públicas setoriais, é uma das prioridades encontradas pela administração petista para garantir a identidade, integridade e história de vida.



Mariluce participou do lajotamento da alameda onde mora

Em oito etapas concluídas, o programa já beneficiou dezessete localidades (bairros e conjuntos), calçou 39 alamedas (o que corresponde a 46.340 metros<sup>2</sup>) e profissionalizou 354 moradores como calceteiros, com recursos do Fundo Municipal de Investimento Social (FMIS).

Segundo Beatriz Cavassa de Oliveira, titular da Secretaria Especial de Integração das Políticas Sociais, o programa faz parte do plano de governo implantado pelo prefeito Rüter Cunha de Oliveira (PT) desde sua primeira gestão (2005). Implementar ações sociais com a participação direta das comunidades envolvidas foi o principal motivador da ação.

“Nossa proposta de mudança efetiva no trato com as questões sociais priorizou a inserção das comunidades vulneráveis que estavam à margem da sociedade. Desde o início colocamos no mesmo nível de estratégia de governo as questões sociais, econômicas e ambientais. É assim que estamos edificando um desenvolvimento igualitário e sustentável”, avalia o prefeito. ★

**Lúcia Silva** é jornalista